

REBECCA SERLE

Quando Tu Eras Meu

Tradução
Andreia Mendonça

LIVROS FANTÁSTICOS

 Planeta

Para Ron e Ranjana Serle
com amor ilimitado

Ela não há-de sofrer
A seta do Cupido, por ter a esperteza de Diana.
E como prova de uma castidade bem armada,
Do fraco arco do menino Amor tem vivido isenta.
Não atura o cerco dos termos amorosos,
Não aceita o encontro com os olhos que assediam,
Nem abre o avental ao outro que seduz os santos.
Oh, ela é rica em beleza, e pobre apenas
Por, quando morta, o pecúlio morrer com a beleza.

Romeu, *A Tragédia de Romeu e Julieta*, acto 1, cena 1

PRIMEIRO ACTO

PRÓLOGO



O Shakespeare percebeu tudo mal. É a sua obra mais célebre, e fez tudo ao contrário. Sabem bem de qual estou a falar. Dois jovens destinados um ao outro. Um amor amaldiçoado. Separados pela família e pelas circunstâncias. É a história de amor perfeita. Ter alguém que nos ama de maneira tão desmedida que é capaz de morrer por nós.

Mas um pormenor acerca de *Romeu e Julieta* de que as pessoas nunca se lembram é que não é uma história de amor, é um drama. De facto, a peça nem sequer se chama *Romeu e Julieta*, mas sim *A Tragédia de Romeu e Julieta*. Tragédia. Todos morrem por este amor que, na minha opinião, nem sequer é sólido o suficiente, para começar. Quer dizer, as famílias de ambos odiavam-se tanto que – mesmo se sobrevivessem – todas as festividades e todos os aniversários seriam um sacrifício. Para não falar do facto de não terem amigos nenhuns em comum, por isso esqueçam saídas em conjunto. Pois, seria apenas o Romeu e a Julieta sozinhos, para sempre. E quiçá isso pareça romântico quando se tem catorze anos, ou coisa parecida, mas não é nada realista. Quer dizer, não me ocorre nada menos romântico para o fim de uma história. E a verdade é esta: não devia ter acabado como acabou.

Se lerem com atenção, perceberão que havia outra pessoa antes de a Julieta ter dado o ar de sua graça. Alguém que o Romeu amava muito. Chamava-se Rosalina. E o Romeu foi à festa, naquela noite fatídica, para a ver. Todos pensam sempre que o Romeu e a Julieta eram tão modestos, que estavam à mercê do amor que sentiam um pelo outro. Não é verdade.

Rebecca Serle

A Julieta sabia o que estava a fazer. O problema é que o Shakespeare não. O lugar do Romeu não era com a Julieta, era comigo. Devíamos ter ficado juntos, e teria sido assim se ela não mo tivesse roubado. Então talvez se pudesse ter evitado tudo isto. Então talvez ainda estivessem vivos.

E se a maior história de amor de todos os tempos fosse a errada?

CENA 1



– Não era *nada* disto que devia ter acontecido.

Abro um olho e afasto o cobertor de cima da cabeça. A Charlie está ao lado da minha cama, de pé, com os braços cruzados, segurando numa das mãos um pacote de *Swedish Fish* e na outra um copo do Starbucks.

Esfrego os olhos e olho de relance para o relógio sobre a mesinha de cabeceira: 6 h 15 m.

– Credo, ainda é de noite.

Charlie solta um suspiro dramático.

– Poupa-me, cheguei dez minutos adiantada.

Esfrego os olhos e sento-me. Já amanheceu, mas não é surpresa nenhuma, uma vez que estamos na Califórnia do Sul em Agosto. Também está calor e o *top* de alças com que dormi, encharcado. Não percebo por que não se renderam ainda os meus pais, após estes anos todos, ao ar condicionado.

Charlie entrega-me o copo do Starbucks, sentando-se na cama ao meu lado e enfiando outra guloseima na boca. A Charlie nunca bebe café, acha que atrasa o crescimento, mas ainda me traz sempre um. Galão com baunilha. Com um torrão de açúcar.

– Estás a ouvir-me, ao menos? – pergunta, irritada.

– Estás a gozar, Charlotte? Estou a *dormir*.

– Boa tentativa – diz a Charlie, ofuscando-me com um sorriso persuasivo –, mas é o primeiro dia de aulas e não vou deixar que me arrastes contigo. Toca a levantar, senhora Caplet.

Lanço-lhe um olhar carrancudo e ela sorri. A Charlie é linda. Não como uma qualquer rapariga loura do liceu, mas de uma aparência deveras espectacular. No cabelo tem caracóis vermelhos como o morango, os olhos são verdes e brilhantes e a pele muitíssimo branca e translúcida. Por vezes provoca um efeito tão arrebatador que até me choca. E eu sou a sua melhor amiga.

Conhecemo-nos na caixa de areia quando estávamos na primeira classe. O John Sussmann tirara-me a sanduíche de manteiga de amendoim e geleia e deitara-a lá para dentro. A Charlie empurrou-o, arrancou a sanduíche da areia e até comeu metade para provar que ele não ganhara. Isto é amizade de verdade. O seu verdadeiro nome é Charlotte, mas ninguém a trata assim, nem mesmo a família. Sempre a chamaram Charlie. E o mais doido disto tudo é que lhe assenta que nem uma luva. Não há muitas raparigas que se safariam com este diminutivo e, mesmo assim, ter estilo.

– *Okay*, mas ouve – diz ela, enquanto me lanço com as pernas para fora da cama e vou à casa de banho. – O Ben e a Olivia já andam.

– Já não era sem tempo. – Enfio a escova de dentes na boca e vasculho o armário dos medicamentos à procura do desodorizante. A Charlie vai insistir em chegar cedo à escola hoje, por isso não há tempo para tomar duche.

– Isto é tipo uma cena superséria. Ele é meu *irmão*. – Na verdade, o Ben é irmão gémeo da Charlie. Só que não são nada parecidos. Ele é alto e louro e escanzelado e gosta de inglês, uma disciplina que a Charlie considera frívola. Ela é uma entusiasta de história: «Para quê ler sobre coisas que não aconteceram quando podemos ler sobre coisas que aconteceram? Seja como for, a vida real é bem mais interessante.»

A Olivia é a nossa outra melhor amiga. Conhece-nos desde o 8.º ano, quando foi transferida para San Bellaro.

– Olha – vocifero, cuspiendo. – Há séculos que eles namoriscam. Já estava destinado a acontecer.

– Mas agora ela vai tipo o quê? Ir lá a casa depois das aulas?

– Ela *já* vai lá a casa depois das aulas.

– Eu sei por que estás tão calma em relação a isto – profere a Charlie.

– Porque ainda estou inconsciente?

– Não, porque o Rob voltou ontem à noite e hoje vais vê-lo. – Atira outro peixinho para a boca, triunfante.

O meu estômago dá voltas e acalma-se. Tem sido assim durante a semana toda. A ideia de ver o Rob está, enfim, a deixar-me enjoada.

Ainda só passaram oito semanas, o que presumo ser muito tempo, embora recuse admiti-lo. São dois meses e, se virmos as coisas de um ponto de vista geral, isso é o quê? Quase uma milésima de segundo. Pronto, nunca estivemos tanto tempo separados e, sim, conheço o Rob desde sempre, mas não é nada de especial. Estive ocupadíssima durante o Verão e, que eu saiba, o Robert Monteg não é o meu namorado ou algo que se pareça. Fogo, até o nome dele a piscar-me na cabeça daquela maneira me dá náuseas. Não percebo. Não *devia* acontecer isto. Afinal, qual é o problema? Somos amigos.

– Vocês vão tornar-se, de certeza, o novo casalinho dos finalistas – diz a Charlie. – Decidi agora.

– Bom, se decidiste assim. – Visto uma saia azul e enfio um *top* de alças branco pela cabeça. A Charlie parece que acabou de sair do cabeleireiro e eu olho apenas uma vez para o espelho. Tal como suspeitava, tenho cabelo de quem saiu da cama.

A Charlie atira-me um sutiã à cara.

– Obrigada.

– Oh, vá lá – diz. – É o Rob. Vocês beijaram-se por fim no baile de finalistas do ano passado e depois ele vai para um acampamento ser conselheiro durante um tortuoso Verão inteiro e escreve-te aquelas cartas todas a dizer que gosta muito de ti e, agora que voltou, não achas que vão ficar juntos? Oh, por favor.

É claro que é assim que a Charlie vê estes dois últimos meses. O problema é que as coisas não aconteceram bem assim. Nem de perto. Eu explico. Eu e o Rob não nos beijámos de verdade no ano passado. Ele tem estado a enviar-me *e-mails*, mas não são bem confissões de amor. A Charlie tem tendência a dramatizar as coisas. Não é que eu não seja romântica, não é nada disso. Sou, acho. Mas também sou muito pragmática. E a Charlie percebeu tudo mal.

O «beijo» de que ela fala não foi de todo um beijo a sério. E o facto de eu e o Rob termos ido ao baile do 11.º ano não tem qualquer significado. Somos os melhores amigos e nenhum de nós tinha acompanhante. O Rob é bonito e inteligente, e depressa se faria uma lista de dez raparigas da nossa futura turma do 12.º ano que teriam trocado as suas malas *Gucci* para ir ao baile com o Rob, mas acho que ele se assusta com a espécie feminina. Bem, na verdade, isso é o que a Charlie pensa. É a única explicação, diz ela, para ele ainda não ter namorada. A única explicação para além do facto de estar à minha espera (segundo a Charlie, não eu).

Ora bem, estávamos na pista de dança e o meu cabelo meteu-se-me nos olhos e o Rob afastou-o e deu-me um beijo na bochecha. O meu cabelo está sempre a meter-se-me nos olhos e o meu pai beija-me na bochecha, por isso, na minha opinião, isso pouco conta como uma sessão de curte. Só que aconteceu em público, ao som de uma balada.

E aqueles *e-mails*? Definitivamente não são cartas de amor.

Olá, Rosie.

Obrigado pela tua carta. Fico contente por saber que a Charlie continua maluca como sempre e obrigado pela pastilha, estou a mascá-la agora mesmo.

O acampamento está a ser bom, mas estou com saudades de casa. Às vezes penso que foi uma estupidez voltar aqui neste Verão, sobretudo depois do fim das aulas e tudo. Mas é fixe, acho. Estou de novo com a Cabana 13. Lembras-te de quando estivemos aqui juntos? Parece que já foi há imenso tempo. E foi, de facto. Enfim, sinto mesmo a tua falta. Acho que era isso que queria dizer quando disse que sentia saudades de casa. Não é a mesma coisa sem ti aqui. Ontem à noite, fui até às docas e pensei naquela vez em que nadámos até à bóia depois de apagarem as luzes. Lembras-te disso? A água estava gelada. Foi nesse Verão que os nossos pais tiveram de nos enviar mais camisolas. Enfim, penso em ti e espero que estejas bem.

Rob

A Charlie inspeccionou aquele *e-mail* e construiu um novo que dizia: *Amo-te e lamento imenso ter vindo para o acampamento e estou de coração partido por estar longe de ti e vamos ficar juntos para toda a eternidade quando voltar.* (Um coração.) Rob.

Faz sentido que ela goste de História, uma vez que está sempre a reescrevê-la.

A sua fantasia é engraçada e tal – apenas não é a verdadeira. É a pensar assim que as raparigas se metem sempre em problemas. E não é só a Charlie. Por exemplo, no ano passado, quando a Olivia namorava com o Taylor Simsburg (e por «namorar» entenda-se que curtiram duas vezes e uma das vezes foi tipo em público no baile de Inverno), ele disse-lhe que ela ficava bonita de amarelo e ela compilou-lhe uma lista de músicas chamada *Aí Vem o Sol*. Também começou a andar com girassóis por motivo nenhum.

Não quer dizer que a maioria das raparigas tenha delírios, por assim dizer, só que têm esta capacidade subtil de transformar circunstâncias reais em algo diferente do que são. E se há coisa a que sou contra é a fechar os olhos para a realidade. Para que serve? As coisas são como são e o melhor que temos a fazer é admiti-lo. Nunca ninguém morreu por ter demasiada informação. Os mal-entendidos são o problema. E enquanto o Rob não voltar para casa, não tenho razões para pensar que ele quer algo mais do que a minha amizade.

A não ser o que aconteceu na noite antes de ir embora. Não contei à Charlie ou à Olivia, porque não tenho a certeza do que sinto em relação a isso. Mas na minha cabeça tenho ponderado o que aconteceu. Há dois meses que ando a ponderar.

Estávamos sentados no chão do meu quarto a ver um DVD antigo de *Friends*. Esta parte não é particularmente invulgar. Fazemos sempre a mesma coisa. O Rob gosta de fugir ao caos da sua casa, onde também vivem os seus três irmãos mais novos. Mas ele estava diferente nessa noite, embora eu não tenha a certeza se reparei nisso logo ou só mais tarde. Quando o Ross disse uma piada, o Rob não se riu, o que é de loucos, porque o Ross é a personagem preferida dele e o Rob ri-se sempre. Ele tem um riso profundo, barítono. Lembra-me o Pai Natal.

Lembro-me também da parte exacta em que estávamos. Estávamos a ver o episódio em que a Rachel e a Monica estão a sair juntas do apartamento e há uma cena em que a Rachel tenta roubar os castiçais da Monica. Ora a Rachel está a tirá-los da caixa e, de repente, a imagem na televisão pára e o Rob põe-se a olhar para mim com intensidade, como costuma olhar antes de um jogo de basquetebol importante.

«Que foi?», perguntei. Ele não respondeu. Apenas continuou a olhar para mim. Tem uns olhos castanhos gigantescos que parecem chavenazinhas de chocolate quente. Não quer dizer que é isso que penso quando olho para ele. Nem sequer gosto de chocolate quente. Estou só a tentar descrevê-lo com precisão.

Ele não disse nada, apenas se deixou ficar ali sentado a olhar para mim e depois aproximou-se e envolveu-me o queixo na sua mão. Nunca me tinha feito isso. Nunca *nenhum* rapaz me tinha feito isso. E então, com o meu queixo ainda na sua mão, ele disse: «Fogo, és linda.» Assim sem mais nem menos. «Fogo, és linda.» Isto é de loucos porque: *a)* não é verdade. Não que eu não seja atraente, apenas não sou diferente do resto do mundo. O que quero dizer é que tenho olhos castanhos e cabelo castanho e aquilo que a Charlie chama nariz de botão, por isso, se alguém me descrevesse, era provável as pessoas pensarem que me conheciam e ao mesmo tempo nunca seriam capazes de me destacar numa multidão. A não ser o facto de que coro como um tomate quando fico envergonhada – mas isso não me torna mais desejável. Por isso: *a)* linda não se enquadra no meu caso; e: *b)* é uma cena tão lamechas. Então ri-me, porque era a única coisa concebível de que me lembrei, e depois ele largou-me o queixo e tirou a pausa de *Friends* e, quando dissemos boa noite, abraçou-me mas não de uma maneira diferente da normal e, no dia seguinte de manhã, já se tinha ido embora.

– Afinal, a que horas chegou ele? – pergunta a Charlie enquanto descemos a custo as escadas.

– Não faço a mínima. Tarde.

– Fiquei admirada por ele não ter vindo ontem à noite. – Agita as ancas e ri-se.

– Vou ser franca – digo –, é o *Rob*. Estás a ver coisas onde elas não estão.

– Talvez sim, talvez não. – Entrelaça o braço no meu, quando entramos na cozinha. – Mas tu sabes que gosto sempre mais de prevenir do que remediar.

– Dramatizar – corrijo-a. – Tu gostas sempre mais de dramatizar do que remediar.

Os meus pais estão a dançar pela cozinha com o sumo de laranja, ainda com os roupões de banho vestidos. A minha mãe tem o capuz na cabeça e o meu pai está a fazer-lhe cócegas.

– Desculpem, meninas – replica, corada –, não vos vimos aí.

O meu pai limita-se a piscar o olho. Que nojo. Mais, nenhum está arrependido. Estão sempre a fazer isto. Sempre a curtir na sala e deixam recadinhos de amor no frigorífico, «beijinhos para o meu docinho», esse tipo de coisas. Isso devia deixar-me feliz, acho, o facto de os meus pais continuarem apaixonados um pelo outro após vinte anos, mas causa-me arrepios.

– Eles ainda fazem sexo, de certeza – afirma a Charlie baixinho, como se estivesse a iniciar um debate. Acreditem quando vos digo que é algo que não está aberto a discussão. A verdade comprovada é que eles fazem sexo. E eu já os ouvi a fazer. *Blhec!*

Se calhar, não seria um drama assim tão grande se eu já tivesse, vocês sabem, feito também. Não que eu seja contra o sexo ou algo do género. Isto é, em termos morais. Querem saber qual é mesmo o meu problema? Não tenho uma opinião moral em relação ao assunto. Eis um exemplo: conhecia uma rapariga chamada Sarah que nunca comeu carne. Em toda a sua vida nunca tinha comido um hambúrguer. Os pais dela não comiam carne e ela foi criada assim. Ora, certo dia, o pai voltou a comer carne e de repente já havia carne em casa e na mesa e lembro-me de ela me dizer que lhe parecia tão estranho, tão inatural. Como se, de súbito, ela devesse começar a comer carne e isso fosse ser uma coisa normal. Pelo amor da santa, ela era vegetariana. Percebem o que quero dizer?

Também pode ter a ver com o facto de nunca ter estado perto de o fazer. Houve o Jason Grove, com quem namorei no ano passado. Curtimos algumas vezes, a maioria no banco de trás do *Subaru* do pai dele e na sua cave. Foi bom, acho eu, mas ele não parecia ser capaz de me desapertar o sutiã e, após algumas tentativas, desistimos.

A Charlie pensa que é trágico. Deixem-me que vos lembre que ela já o fez com duas pessoas. A primeira foi o Matt Lester, o namorado do 10.º ano. Fizeram depois do baile de boas-vindas e ela disse que foi horrível e nunca mais voltaram a fazer. Agora há o Jake, o seu namorado ora-acabam-ora-reatam, e, como a Charlie diz: «Já perdi a conta.» E eu penso que isso é uma coisa que mais cedo ou mais tarde acaba por acontecer. Não é que mantenhamos registo do número de vezes que fazemos sexo. A dada altura torna-se apenas sexo, acho.

- Este ano vai ser o teu ano –, disse-me a Charlie na semana passada.
- Não vais perder a virgindade no quarto de dormitório. Nem pensar.
- Quais são as minhas hipóteses?
- Só uma – disse a Charlie. – O Rob. Vocês os dois foram feitos um para o outro.

Feitos um para o outro. Estaria a mentir se dissesse que nunca pensei nessa expressão em relação a mim e ao Rob. Ocorreu-me, sim, que algo pudesse acontecer entre nós. Não, não fico sentada em casa noite após noite a chorar por ele, nem nada disso. Ele é meu amigo. O meu melhor amigo. A questão é que, quando o único outro rapaz na escola com quem conseguiste ter qualquer coisa é o Jason Grove, por vezes pensas nestas coisas. Só isso.

No entanto, não admiti isto tudo à Charlie, sobretudo porque reconheço a verdadeira possibilidade de que pode ter mais a ver com todos aqueles programas de televisão que ela me obriga a ver do que com os meus verdadeiros sentimentos. Já vi os episódios antigos de Dawson's Creek, sei como devo sentir-me acerca do rapaz da casa ao lado. Quer dizer, sim, gosto dele. É o meu melhor amigo, é claro que gosto dele. Mas será que quero beijá-lo? Será que quero que ele me beije? Estarei disposta a arriscar a nossa amizade na possibilidade ínfima de que possa resultar num romance? Já para não falar no facto de que não sei sequer no que ele está a pensar. Na volta, até está arrependido de ter dito que eu era linda. Na volta, já continuou com a sua vida. Quer dizer, ele passou o Verão todo no interior do país e, só porque eu ainda não fui capaz de cair nos braços de outro rapaz em dois meses, não quer dizer que ele ande na mesma pasmaceira.

A minha mãe afasta o meu pai e pousa o sumo.

- Meninas, prontas para o vosso primeiro dia?
- Claro – replica a Charlie, piscando-me o olho. – Este ano é nosso.
- Bem, isso é bom – diz ela. Tira uns ovos para um prato e dá ao meu pai. – O Rob volta hoje?

É normal que a minha mãe pergunte isto. Como se não bastasse, os nossos pais são os melhores amigos. São vizinhos há quinze anos. Os meus pais mudaram-se para a nossa cidade, San Bellaro, poucos meses antes de eu nascer. Foi aqui que o meu pai cresceu e viveu até se mudar para Los Angeles. A minha mãe, na verdade, era uma estrela de cinema em Los Angeles. Não de grandes filmes, mas acho que estava no bom caminho antes de conhecer o meu pai. Ele era um líder comunitário com grandes planos para se tornar senador e foi convidado para a estreia de um dos filmes dela. Era uma exibição de *O Último Estranho*, provavelmente o maior papel que a minha mãe alguma vez desempenhou, e o meu pai diz sempre que se apaixonou por ela naquele instante, quando a viu no ecrã. Que ela era «o seu último estranho». Seis meses depois estavam casados e eu nasci passado um ano. O meu pai nunca se tornou senador (ensina história na universidade local), mas o seu irmão sim. Acho que ainda custa ao meu pai saber que o irmão conseguiu realizar o seu sonho, ao passo que ele não. Há anos que não se falam e, sempre que o nome dele aparece no jornal, o meu pai arranca as páginas e põe-nas no lixo.

A minha mãe ainda está a olhar para mim, à espera de uma resposta, mas eu encolho os ombros e enfio um bocado de torrada na boca. A Charlie arranca-ma de imediato.

– Quarta-feira é *bagels* – informa, atirando-o para a bancada como se fosse radioactivo. – *Hello?*

O meu pai bate de forma dramática com as costas da mão na testa e a minha mãe suspira.

Ela pega na chávena de chá, sentada ao pé da nossa *menorah*, que ainda tem cera do ano passado. A minha mãe é judia, mas o meu pai é cristão. Sempre celebrámos o *Hanukkah* e o Natal. O meu pai gosta de dizer que é «investigação», embora eu o lembre sempre que é professor de história, e não de estudos teológicos. «Sou um estudante do mundo», é o que ele costuma dizer. Gosta de falar com frases feitas.

- Bem – continua a minha mãe –, tenham um óptimo dia.
- Oh, teremos – retorque a Charlie, pendurando a minha mochila no ombro –, não esperem por nós. – Atira um beijo à minha mãe e empurra-me para a rua.



A Charlie tem um *Jeep Cherokee* antigo a que chamamos *Vermelhão*. Não é tão extravagante como o carro da Olivia, mas não interessa. A Charlie ficaria bem numa *Vespa*. Entramos no carro e sou atingida pelo cheiro familiar da Charlie. Uma combinação de lilases e plumérias que ela própria misturou na The Body Shop no ano passado. O carro dela está sempre a abarrotar de tralha, como se pudesse arrancar a qualquer momento e partir para outro lado. Há um saco de lona gigantesco no banco de trás com um monograma das suas iniciais, CAK, que contém tudo de que alguma vez poderíamos precisar. Uma ocasião, estávamos na casa de praia da Olivia em Malibu e fiquei com um pedaço de milho enfiado no dente, de tal modo que começou a sangrar. A Charlie levou-me até ao *Vermelhão* e realizou uma pequena cirurgia dentária.

Liga o carro e faz marcha atrás na entrada da garagem, aplicando o *gloss* de lábios no retrovisor ao mesmo tempo. Pego no seu *iPod* e ponho a tocar *Counting Crows*.

- *Blhec!* – Ela olha para mim, enfadada, e arranca-me o *iPod* da mão. Põe a tocar Beyoncé e vira-se para mim, com um olhar desapontado.
- O que se passa contigo hoje de manhã? É o primeiro dia de aulas, precisamos de nos entusiasmar. Começar as coisas na nota certa é o único caminho para o êxito.

Esta é uma das suas teorias. A Charlie está cheia de teorias. Tem uma teoria sobre tudo. Por exemplo, acredita firmemente que só podes mudar de corte de cabelo uma vez durante todo o secundário. A Olivia esquarterjou o cabelo todo quando acabou o namoro com o Taylor no início do 11.º ano e a Charlie disse-lhe que ela já tinha esgotado a sua reinvenção. Lembro-me de ela dizer «espero que ele tenha valido a pena».

- Eu estou preparada. – Faço um sorriso forçado e saco-lhe o *gloss* da mão.

A Charlie suspira e vira para entrar na auto-estrada.

– Vá lá, estou a falar a sério. Eu e o Jake, tu e o Rob, a Olivia e o Ben.
– Engole em seco como se tivesse um sabor mau na boca. – Vamos mesmo ser as rainhas da escola este ano.

Outra teoria da Charlie é que vivemos num filme de liceu. A Olivia também parece achar que é verdade. O que quero dizer é que elas podem dizer coisas do género «vamos mesmo ser as rainhas da escola este ano» e não sentir a necessidade de ser sarcásticas. Talvez deva dizer que somos populares. A Charlie é formidável, atraente de um modo que a faz ser temida e amada. A Olivia, por outro lado, é a miúda dos sonhos do liceu. Grandes mamas, cabelo louro, nariz engraçado. Não há rapaz nenhum na escola que não esteja apaixonado por ela. Além disso, os pais dela têm mais dinheiro do que Deus. O pai dela trabalha na indústria da música. É produtor ou dono de uma discográfica. Acho que é ambos. Para ser franca, às vezes não sei como acabei no meio desta misturada. Eu não devia ser popular. A sabedoria convencional está contra mim.

E é por isso que estar com o Rob sempre me fez sentir tão bem. Ele é popular – sem dúvida –, decerto o rapaz mais popular na nossa turma, mas também é apenas o Rob. Ele sabe quem eu sou e conhece-me e sentar-me ao lado dele faz-me sentir como se nenhuma dessas coisas importasse. Não tenho de fingir ao pé dele ou pensar no que vou dizer a seguir. Não que faça isso com a Charlie, mas às vezes parece que nós as três estamos numa espécie de peça teatral. Como se precisássemos de decorar as falas. Como se todo o espectáculo dependesse disso. Se não soasse tão dramático, diria que era exaustivo.

– Queres ouvir a última? O Len Stephens já está a ser expulso da escola.

O Len Stephens é um gajo da nossa turma com quem não nos damos. A Charlie chama-lhe «tóxico», mas a maioria das pessoas apenas o chama de idiota. Ele é sarcástico e o seu cabelo é mais ou menos oleoso. Como se não tomasse banho vezes suficientes, ou algo do género. Eu respeito a limpeza. O Rob anda sempre limpinho.

– As aulas ainda nem sequer começaram.
– Pelos vistos começou a praxar mais cedo.

– O que fez ele?
– Reorganizou o catálogo curricular de modo a apagar as transcrições de todos os estudantes.

– Não posso crer.
– Juro. – A Charlie põe a mão sobre o peito como se estivesse a fazer um juramento.

– Como é possível?

A Charlie encolhe os ombros.

– Acedeu ilegalmente ao sistema informático da escola.

A única coisa que sei sobre o Len é que ele costumava ter aulas de piano antes de mim com uma alemã chamada Famke. Penso que parei por volta do 6.º ano, ou assim, e acho que ele também. Foi na altura em que a maior parte das pessoas se interessou a sério por desportos ou dança e largou as outras actividades. Eu achava que ele era bastante bom, no entanto, também costumava achar os *tops* cai-cai giros, por isso que autoridade tinha eu?

– Não interessa – diz a Charlie, mudando de assunto –, vamos falar do meu namorado.

– Então tu e o Jake estão juntos outra vez? – Olho pela janela para as árvores a passar. Não é que não me interesse pela vida amorosa da Charlie. É claro que me interessa. É só que nenhum momento no namoro deles diz nada sobre a relação em geral. Ela tanto pode estar com ele hoje como amanhã não estar. Ou, já agora, no momento em que chegarmos à escola. Eles têm uma relação muito estranha. A Charlie gosta de agir como se tudo fosse desolador e perturbado. Como se não pudessem estar juntos apesar de quererem mesmo muito. Para ser franca, não estou a ver quais são os obstáculos. A não ser que o facto de ele usar bonés de basebol e chamar a toda a gente «meu» seja um obstáculo. Que, na volta, até é. Eles acabaram porque ele lhe chamou «mano» no baile de fim de ano no ano passado e depois ficaram uma semana sem se falar. Mas sobretudo acho que se resume tudo ao facto de ela gostar de dramatizar. E há algo mais dramático do que um desgosto de coração?

– Completamente – afirma –, ele foi lá a casa ontem à noite e disse que queria que este ano fosse diferente. – O Jake já disse que quer que as coisas

sejam diferentes para aí umas quarenta e duas vezes no último ano e meio, por isso não levo isto muito a sério.

– Fixe.

– Estou a falar a sério, Rose. Acho que desta vez vai resultar. – Olho de soslaio para ela e o seu rosto está rígido, determinado. Comemorativo, até. O que, se conhecessem a Charlie, até faz muito sentido. Decidir fazer algo e fazê-lo, de facto, são uma e a mesma coisa no mundo dela.

– Isso é ótimo – gorjeio. – Fantástico. – Tento parecer entusiasmada mas a Charlie percebe que estou a fingir.

– Como posso trabalhar contigo este ano se vais andar toda tristonha e melancólica? – Passa-me a bolsa da maquilhagem e vira-me o espelho da pala do carro para baixo. – Usa, por favor. Preciso que estejas no teu melhor quando entrarmos naquele auditório.